

Imaginário e imigração nas redes sociais da Internet: o caso dos brasileiros em Portugal¹

Rodrigo Saturnino²

RESUMO

Este artigo apoia-se na análise descritiva da funcionalidade das comunidades virtuais que se constituem nas redes sociais da Internet utilizadas por imigrantes brasileiros residentes em Portugal. O objetivo é refletir sobre a Internet como um “ciberspaço” onde esses atores sociais se esforçam em apropriar-se da ideia de construção/reconstrução da identidade brasileira, manutenção de afetos, reagrupamento social, superação dos discursos institucionais, interação entre as nacionalidades brasileira e portuguesa e novas formas culturais de comunicação *online*.

Palavras-chave: Internet, comunidades virtuais, etnografia virtual, imigração, Orkut.

ABSTRACT

Imaginary and immigration on the social networks of the Internet: The case of Brazilians in Portugal. The research relies on the descriptive analysis of the functionality of virtual communities on the Internet Social Network used by Brazilian immigrants living in Portugal. The aim is to think on the Internet as a “cyberspace” where one can take ownership on the idea of building/rebuilding Brazilian identity, affect maintenance, social family, overcoming institutional discourse, interaction between the Brazilian and Portuguese nationalities and new cultural forms of online communication.

Key words: Internet, virtual communities, virtual ethnography, immigration, Orkut.

Introdução

No caos da esquizofrenia estrutural contemporânea multiplicada por uma crise mundial desmedida que se junta à tecnologização e à miniaturização da vida pelo uso das máquinas e à avalanche de conteúdos que as indústrias culturais produzem, a atual procura por vinculações sociais estabelecida pela utilização da Internet, enquadra-se num período histórico demarcado pela incitabilidade da deslocalização, da desterritorialização e do desligamento.

Esse contexto traz à tona a releitura do conceito de rede. Pensada de modo análogo através do pensamento

filosófico, a rede, ao invés de designar apenas a ideia original de um conjunto de fios entrelaçados por inúmeros nós elaborado como arma de caça, passou a designar formas representativas da constituição dos diversos tipos de relações. Avançando rapidamente pelo tempo histórico das conceitualizações da rede, encontra-se uma maior assimilação desse termo diante dos modernos e complexos sistemas de computadores geograficamente afastados uns dos outros e ligados telematicamente.

A utilização da Internet sofreu longas alterações desde o seu uso bélico, seguido do científico-acadêmico até ao atual uso “doméstico”. Após sua “popularização” como novo meio de comunicação, sua utilização contemporânea dá-se, em muitas medidas e estatísticas, mediante o pressuposto

¹ Este artigo é uma síntese da dissertação realizada em 2009 no âmbito do mestrado em Comunicação e Cultura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com o título: *A construção do imaginário social dos imigrantes brasileiros em Portugal nas redes sociais da Internet: o caso do Orkut*.

² Mestre em Comunicação e Cultura (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Doutorando em Sociologia (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa – ICS-UL) e investigador do Centro de Estudos de Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta – CEMRI. Instituto de Ciências Sociais. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9, 1600-189, Lisboa, Portugal. CEMRI-UAB. Palácio Ceia. Rua da Escola Politécnica, 141-147, 1269-001 Lisboa, Portugal. E-mails: rodrigo.saturnino@gmail.com e cemri@univ-ab.pt

reticular que emerge sob a égide da possibilidade de construção de novas formas de sociabilidade. Essa apropriação reflete-se no alto índice de criação de *softwares* arquitetados a partir da ideia sociológica das redes sociais e na sua adesão por parte dos utilizadores da Internet.³

Esses produtos de simulação das relações sociais despontam na tentativa de reorganizar, realinhar, recuperar e resgatar aspectos expressivos da manutenção da vida quotidiana e da formação dos grupos. Em outras palavras, a vida em comunidade suprimida pelos processos da industrialização moderna, reaparece imaginariamente sob a forma da promessa de restabelecimento das ligações com a criação das denominadas “redes sociais da Internet”. Esses mecanismos adquirem espaço na agenda dos indivíduos na medida em que se “institucionalizam” como um “lugar” de desencadeamento e reforço de novas formas de organização dos laços sociais mediados pelo uso dos computadores.

Com base nessa constatação rudimentar, o trabalho desenvolvido na pesquisa que deu origem à dissertação de mestrado, concentrou-se em averiguar como acontece a transposição das características convencionais de formação e manutenção de laços sociais mediante a utilização de mecanismos tecnológicos digitais em ambientes virtuais na Internet, nomeadamente em um grupo virtual de imigrantes brasileiros em Portugal que utilizam o *website* Orkut.

A pesquisa foi abordada em duas etapas. A primeira trata os aspectos teóricos da evolução do conceito de espaço público, cibercultura, sociedade em rede, comunidade e a relação entre os indivíduos a partir da apropriação da Internet como espaço de “existência”, redefinição e mediação dos sujeitos. Em segundo lugar, utiliza-se o método etnográfico virtual de carácter qualitativo e a observação participante das interações e dos relacionamentos sociais, aplicada ao estudo de práticas culturais desenvolvidas no “ciberespaço”, para apresentar e descrever o percurso e as vivências do grupo escolhido.

Neste artigo, apresenta-se parte do resultado final da pesquisa na tentativa de oferecer uma visão sucinta do repertório da “comunidade” *on-line* “Brasileiros em Portugal” com o intuito de perceber como se desenvolve o imaginário social dos utilizadores desse grupo virtual a partir das mensagens partilhadas.

Controvérsias teóricas: distanciados ou aproximados?

Do ponto de vista crítico, segundo autores como Baudrillard (1991, 1996), Mattelart (2000), Braz (2002), entre outros, a especulação em torno do surgimento de uma “sociedade em rede” (Castells, 2007) principalmente após o início da década de 1990, com o advento da Internet, encobre a ameaça do enfraquecimento dos contatos sociais, tanto num nível privado como público.

Contrariamente à ideia preliminar de uma Internet “fatal”, teóricos como Wellman (1998, 1999, 2004), Castells (2003, 2005, 2007), Lévy (1999) e Quan-Haase *et al.* (2002) acreditam que nela se estabelece uma nova sociabilidade específica a começar pela ideia não de uma comunidade baseada em agrupamentos, mas em forma de redes. Se pensada enquanto estrutura física, a rede é definida por complexos de ligações entre inúmeros nós, sejam esses representações de carácter técnico matemático ou sociológico.

Segundo o otimismo de Castells (2007), tal complexidade estrutural só poderia ser superada através do paradigma das tecnologias da informação e comunicação, nomeadamente no espaço simbólico da Internet por meio da formação de “comunidades” virtuais. Diferentemente das sociedades *pré-mass media* em que as comunidades baseavam seu assentamento em torno do lugar e do território, na *web* o espaço geográfico é superado pela ideia de pertença. O lugar, segundo Castells (2007), fonte principal de desenvolvimento do apoio mútuo e da interação, não desapareceu nem foi substituído, mas desempenha um papel menos relevante nas sociedades dos *media*.

[...] os indivíduos constroem as suas redes, online e offline, sobre a base de seus interesses, valores, afinidades e projectos. Devido à flexibilidade e ao poder de comunicação da Internet, a interação social online desempenha um papel cada vez mais importante na organização social no seu conjunto. Quanto se estabilizam na prática, as redes online podem construir comunidades, ou seja, comunidades virtuais, diferentes das comunidades físicas, mas não necessariamente menos intensas ou menos eficazes em unir e mobilizar (Castells, 2007, p. 161).

³ Embora não haja estatísticas confiáveis sobre números exatos de utilizadores desses produtos, especula-se que pelo menos 250 milhões de pessoas participam de alguma rede social na Internet (cf. Lang, 2009). Tendo em conta a data de realização deste artigo, esse número encontra-se superado depois de quase um ano da realização da pesquisa. O Facebook, em divulgação no dia 21 de julho de 2010, anunciou 500 milhões de utilizadores cadastrados na sua rede.

Essa apoteose da Internet como lugar messiânico é rebatida como ponto de inflexão por outros autores menos otimistas em relação ao uso da rede como lugar de “redenção social”. Do ponto de vista sociológico, Mattelart (2000), um dos críticos dos *media*, pontua o surgimento da rede a partir da contextualização histórica da sua formação, localizando seu aparecimento nas empreitadas do Iluminismo e do Liberalismo, “[...] dois projetos de construção de um espaço mundial totalmente fluido, ora opostos, ora convergentes” (Mattelart, 2000, p. 15).

Ao contrário das leituras apologéticas que defendem o surgimento de uma sociedade em rede tendo como ponto de partida o advento das novas tecnologias da comunicação e da informação, Mattelart (2000) prefere considerar a origem desse projeto na necessidade histórica de transportar e garantir o fluxo de pessoas e mercadorias com vistas à dinamização do mercado e do desenvolvimento do setor industrial. Trata-se do esboço da sociedade do fluxo interligado, representada por um pensamento racional advindo das metáforas estabelecidas entre o organismo e a máquina em sinergia com a lógica acumulativa do capital sintetizada pelas guerras.

A ênfase na guerra dada por Mattelart (2000) está relacionada ao condicionamento que ela cria para o aprimoramento tecnológico das redes técnicas de comunicação e de informação. Tais sistemas tecnológicos como a criação de satélites, os computadores e a cibernética, passaram a ter um papel estruturador tanto da organização social como da nova ordem mundial: um elemento catalizador da atual estruturação geopolítica globalizada e o restabelecimento ideológico do conceito de rede.

Posteriormente ao período das hostilidades das guerras totais, a comunicação mundial, advoga Mattelart (2000), configurou-se em um projeto que, hipoteticamente, busca fazer da sociedade um agrupamento conectado por interesses e por aparatos tecnológicos a fim de “facilitar” a vida e o trânsito de mercadorias e ideologias. A crítica desse autor indica-nos que essa nova forma comunicacional gera uma dinâmica advinda do próprio idealismo da guerra que não aproxima nem distancia, mas mata, exclui, segrega e exerce o poder.

A rede pode ser compreendida, também, como um lugar criado para gerar circulação, seja de capital social ou de afetos. Pode-se elegê-la como espaço imobilizador das ações e dos encontros presenciais, relegados a um segundo plano que emerge sob a égide da “dromologia” (Virilio, 1996) e da “ubiquidade” do capitalismo informacional/digital, camuflado pela ideologia da tecnofilia e da livre circulação de informações (Castells, 2007; Schiller, 1999).

Desse ponto de vista, Braz (2002) pondera a rede como resultado do desejo coletivo naturalizado em apropriar-se do mundo e das suas condicionalidades com vistas a uma sobrevivência mais “descomplicada” no que diz respeito ao acesso às coisas. Nessa perspectiva, a relação entre os pares e a coletividade correria o risco de perder seu lugar mediante a movimentação acelerada que tem sido proporcionada pelo aumento da flexibilidade de fluxos entre as coisas e os indivíduos. A rede, conforme Braz (2002), é um lugar de desaparecimento da comunidade. Nela, os encontros e a tridimensionalidade são reduzidos a uma realidade de experiências virtuais, tornando-se não uma solução para a comunidade, mas sua substituta.

O otimismo de alguns autores reforça a ideia de que essa tecnologização social supre uma lacuna de exclusão que outrora limitava os indivíduos pós-modernos a vivenciarem uma experiência comunitária. Para Howard Rheingold, autor de *A comunidade virtual*, essa tentativa relaciona-se com a utilização da comunicação mediada por computador (CMC) como fator de redescoberta do poder da cooperação, transformando essa coadjuvação num jogo que mistura e funde capital de conhecimento, capital social e vivência comunal (Rheingold, 1996, p. 141).

No imaginário entusiasta se toda formação de agrupamentos sociais acontece pela comunicação (seja pela fala, pelos gestos ou pelas ações), com a explosão das novas formas comunicacionais inauguradas nas sociedades pós-modernas, ela estaria, supostamente, muito mais potencializada com o que se experimenta atualmente. Tal visão não é dogmática. Há quem defenda também que a busca pelo sentido de comunidade paramentada pelos ideais pré-modernos de uma impossibilidade de resgate desse sentimento através da rede, liga-se muito mais ao nível de uma utopia criada pela reticularidade da Internet do que por uma sociabilidade de fato constituída.

O sociólogo Jesus Martín-Barbero, mesmo sem descartar a função conectiva da Internet, descreve a agregação de sujeitos em grupos virtuais não como um projeto finalizado de retorno à origem das relações, mas uma tentativa utópica de relações horizontais, não mediadas e não presenciais. A forma reticular da configuração da Internet representa uma partícula ideológica de uma potencialidade inerente ao desejo social de transformar a sociedade pós-moderna em uma comunidade mundial, imaginada, original, democrática, sem representações nem interferências. Esse esforço aproximativo se não estiver sido frustrado, pelo menos manter-se-ia descrito apenas pelo alargamento das conexões imaginárias entre pessoas e menos pela horizontalização das relações (Essenfelder, 2009).

A vida em agrupamentos comunais é um pressuposto da existência humana. Desde Tönnies (1947), com seu naturalismo da primitividade das relações sociais, até à contemporaneidade de Bauman (2003), ao propor uma comunidade da partilha que se junta ao conceito “tribal” de Maffesoli (2006), fortalecido pelo sentimento de pertença, a sociedade se estabelece em agrupamentos. Entusiastas, como o próprio Maffesoli (2006), acreditam que o plano da pós-modernidade se não foi abortado, pelo menos tem sido contornado, ainda que paliativamente, a partir da tentativa de reconstrução do sentido de comunidade através do componente imaginativo, um sentido de caráter, identidade ou interesse comum, envolvendo tanto as dimensões materiais como as simbólicas (Fernback e Thompson, 1995).

A ideia de vida “tribal” é precedida pelas noções da “comunidade emocional”, conceito que Maffesoli toma emprestado de Weber para descrever o modo como as relações sociais são baseadas. Nas comunidades emocionais, prevalecem “o aspecto efêmero”, a “composição cambiantes”, “a inscrição local”, a “ausência de uma organização” e a “estrutura quotidiana” (Maffesoli, 2006). Sua relação está mais baseada nos mecanismos de contágio do que nos de contato (Tarde, 1991).

Entre as controvérsias dessa história que descreve a busca por uma comunidade segura no mundo atual (Bauman, 2003) – abarcando desde o fonógrafo de Leon Scott até ao *iPad* da Apple, dispositivos representativos das conexões entre os homens – a mediação pela e com a “máquina universal”, nova e desejável coadjuvante das relações sociais, coloca em debate as transformações contemporâneas que a utilização desses artefatos “protéticos” trazem à tona. A principal, julgamos relacionar-se com a capacidade imaginária, socialmente cultivada, do ser humano em atribuir valor afetivo às coisas que foram assim determinadas como base daquilo que é considerado a vida em sociedade de forma organizada. Nesse sentido, a interface tecnológica desenvolvida nos últimos anos, revela seu sucesso mediante a transposição, que insiste em fazer, das formas comunicativas de manutenção da vida em grupo do *off* para o *on*, sendo confirmada pelo elevado índice de adesão dos utilizadores.

Deslocalização real e reterritorialização imaginada

Como exposto sucintamente anteriormente, a vida em comunidade parece ainda representar o pressuposto

ideal para uma sociedade horizontal. Seja a sociedade anterior à ideia de comunidade ou a representação de uma “comunidade ampla” do ponto de vista sociológico contínuo, o debate ao redor dessa questão permanece incompleto, relativamente ao que diz respeito a definições conclusivas.

A mutação ou o deslocamento das atuais formas plurais de estabelecimento dos laços sociais torna-se o principal elemento de estorvo a essa questão. Ou seja, se a ideia de comunidade aceita e convencionalizada parte do princípio de que ela é estabelecida pela necessidade do homem ligar-se imaginariamente ao outro para tornar “concreta” a realidade de modo a fazer existir a vitalidade da coexistência espacial, funcional, emocional e espiritual”, a criação de mecanismos tecnológicos instalados para utilização na Internet a partir de interfaces que, também imaginariamente, simulam tais ligações, em algumas, ou muitas, medidas colabora para que essa convenção permaneça como evidência (Buber, 1987, p. 123).

Resta saber se as ligações entre os participantes de um grupo por si só já os qualificam como autêntica comunidade em termos sociológicos. A validação de grupos virtuais como novas formas de “comunidades” coloca em evidência o desafio de mensuração da qualidade dos laços comunitários, caso seja isso também um outro pressuposto para dar base à categorização social de um grupo. Em outras palavras, deve-se perguntar em que medida podemos apontar para as novas formas de agrupamento via Internet o exemplo de formação de novos tipos de comunidades que superam, atualizam ou se juntam às anteriores conceitualizações.

Contextualização do objeto de pesquisa e metodologia aplicada

Na pesquisa que deu origem a este artigo, o principal interesse não se restringiu a encontrar uma paralelização fiel entre os grupos virtuais e os modelos tradicionais que rondam a ideia de comunidade. Ao contrário, o trabalho etnográfico realizado descreveu como os utilizadores da Internet utilizam os dispositivos tecnológicos para reafirmar e restabelecer a imagem identitária que os caracteriza enquanto grupo social.

Sem desconsiderar as diferentes linhas teóricas que se instalam ao redor da atual configuração da Internet como novo lugar de organização social, vale deixar reforçado que a utilização das redes sociais da Internet como meio de comunicação transformou-se em um

fenômeno mundial. O Brasil distingue-se como um dos maiores utilizadores da Web tanto no uso doméstico como na utilização profissional. Em 2009, o país alcançou o número de 44,5 milhões de pessoas, segundo dados da pesquisa realizada pela empresa de estatísticas sobre usos da Internet, Ibope Nielsen Online (Convergência Digital, 2009).

Acerca dos *softwares* mais contemporâneos que trabalham com pressupostos simulatórios da formação de “comunidades” virtuais, destaca-se o Orkut como um dos pioneiros a explorar essa funcionalidade. Desde a sua criação, em 2004, o Brasil é seu maior utilizador⁴ (cf. Boyd, 2007; Corrêa, 2008). Essa primeira certificação junta-se a uma segunda no que diz respeito ao número de brasileiros a viverem em Portugal⁵, criando o ponto de partida para examinarmos como se estabelece o imaginário dos imigrantes que utilizam o Orkut como lugar de reterritorialização social.

Ao pesquisar a expressão “brasileiros em Portugal” no site Orkut, verificou-se a existência de 54 grupos virtuais relacionados ao tema. Foi selecionada como base para a formação do *corpus* da pesquisa a comunidade com maior popularidade e participação de membros, aqui tratada por “Comunidade Brasileiros em Portugal 1”, abreviada pela sigla CBP1.⁶

Devido ao grande fluxo de informações gerado desde sua criação em 2004, a pesquisa que deu origem a este texto limitou-se a analisar o conteúdo gerado pela CBP1 durante os últimos 15 dias do primeiro mês de observação⁷ como ponto empírico para suportar as hipóteses da existência e a manutenção de sociabilidade entre seus participantes. A recolha desse *corpus* reuniu cerca de 700

páginas contendo mensagens trocadas entre os membros.⁸

A análise do conteúdo utilizou a metodologia da observação participante e da etnografia virtual (cf. Hine, 2004; Kozinets, 2002, 1998) durante o período de seis meses, entre abril e setembro de 2009, para perceber como as pessoas interpretam o mundo que as rodeia ou como organizam suas vidas, apoiada, basicamente, na ideia de uma “apropriação” social da Internet como fonte de readaptação de uma sociabilidade que parte de condições externas, transportadas em simulações das práticas sociais do quotidiano (Hine, 2004, p. 56). Houve um acompanhamento das atividades diárias desenvolvidas no interior do grupo, sendo registradas todas as multiplicidades de ocorrências. As mensagens publicadas nas páginas da CBP1 foram armazenadas para assegurar o material empírico. Por uma questão ética, quando citados na pesquisa, os autores das mensagens analisadas não foram identificados nominalmente, sendo os nomes representados pela letra “L”.

A ideia proposta por Hine (2004) descreve a metodologia da etnografia como inseparável de seus contextos, sem protocolos, nem receitas. Dito isso, num primeiro momento não se aplicou nenhuma classificação nem categorias que condicionasse uma análise fechada. Ao contrário, procurou-se perceber as singularidades do grupo pelo decurso destes atores sociais no “ciberespaço” relacionados ao uso das práticas comunicativas e deste ponto de partida verificar como estes sujeitos utilizam a rede social Orkut como lugar de interação. Estas experiências foram analisadas destacando os temas, dentro do *corpus*, que mais movimentaram a participação dos membros.

⁴ Dados do site Orkut apontam que cerca de 50% do total de usuários declaram-se brasileiros.

⁵ Os brasileiros constituem, atualmente, a maior comunidade estrangeira residente em Portugal: 106.961 indivíduos legalizados (SEF, 2008), como informam os dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, seguido da Ucrânia e Cabo Verde, espalhados em sua maioria pelas cidades de Lisboa, Porto e Faro. De acordo com o SEF, em seu último relatório, a nacionalidade brasileira mantém-se, desde o último relatório de 2007, como a maior comunidade de imigrantes no país, com um total de 24% da representatividade. Impressiona perceber que o relatório aponta para um crescimento expressivo de brasileiros em Portugal. Em 2007, o número estava na casa dos 66 mil; no intervalo de um ano, a esse valor foram adicionadas mais 40 mil pessoas.

⁶ A “Comunidade Brasileiros em Portugal” é constituída basicamente por pessoas que se autodefinem como brasileiros que vivem em Portugal. Esse número pode ser constatado a partir de uma enquete lançada na Comunidade no dia 21 de maio de 2009. Dos dados recebidos à pergunta “Você é brasileiro ou português?”, 79% da participação é de brasileiros que vivem em Portugal, 9% de portugueses e 9% de brasileiros que não vivem em terras lusas. O número de membros sofre uma pequena variação relacionada às nacionalidades participantes das comunidades. Pode-se destacar, principalmente, a participação de portugueses e alguns poucos de origem africana.

⁷ A coleta de dados foi realizada durante o período de seis meses, de abril a setembro de 2009.

⁸ Da primeira coleta ainda foi feito um recorte dos cinco primeiros tópicos comentados em cada dia da pesquisa. A título de conhecimento, o sistema do fórum de discussão do site Orkut considera os cinco tópicos mais comentados por uma comunidade ao dar-lhes destaque na página inicial do grupo. No caso desta pesquisa e pela demanda de participação dos membros, optou-se por fazer esse recorte já sugerido pelo próprio sistema. Esses destaques podem sofrer variações de acordo com o nível de participação durante o dia ou ainda permanecerem na posição de destaque por mais dias. Ocorreram casos em que alguns tópicos permaneceram nessa posição por mais dias e portanto não fizeram acréscimo ao número final de mensagens.

Quem são, sobre o que falam e o que fazem os “brasileiros em Portugal”

Errância e migração não planejada

A migração brasileira para Portugal tem sua história quantificada e qualificada sob diversos olhares (Machado, 2009; Malheiros, 2007; Padilla, 2007; Bógus, 2007). Um desejo presente na maioria dos migrantes relaciona-se com a vontade de uma nova vida socioeconômica estável. A isso, pode-se agregar a recente idealização estereotipada de uma Europa multicultural, economicamente estável e lugar de acolhimento para todos os povos. O decurso, ou o desencadeamento dessa experiência, em diversos casos, é constituída de elementos que desfavorecem o “sonho” idealizado.⁹

Na sondagem apresentada na Tabela 1, a tentativa de mudança de vida e de melhorias econômicas é representada pela eleição do emprego como um dos maiores fatores incentivadores da migração brasileira para Portugal. É interessante reportar aqui o caráter de errância presente nesse grupo quando se atenta para o maior índice de votos para o item correspondente ao contato com o diferente e a mudança de vida.

A repercussão dessa “mudança de vida” não planejada faz parte de um processo de enquadramento do migrante brasileiro em posições sociais menos privilegiadas em relação àqueles que migram com objetivos já definidos, principalmente na “segunda vaga”¹⁰ em que prevalece a migração de indivíduos da classe média-baixa¹¹. Os membros da CBP1 não escondem tais dificuldades. Na mensagem que segue, um dos membros descreve a posição laboral sugerida por essa “segunda vaga”:

L1¹²

*[...] Aqui só to vendo futuro em loja e operador de telemarketing... afff... hauhauahuahu~ Aliás parece q em Portugal só contratam hj em dia, vendedores e operadores de telemarketing pra azucrinar a mente do povo daqui e já não é lá muito simpático. Me imagino ligando pra casa dos outros e neguinho desligando o tel na minha cara com “aquele bom humor” típico português [...].*¹³

Esses registros apontam o anseio de “mudança de vida”, seguido de uma caracterização que denota a vontade de cruzar fronteiras e estar em “[...] contacto com ‘o diferente’”. A avaliação da vida que é experimentada por esses sujeitos transita entre histórias de sucesso *versus* a desconstrução desse sonho idealizado.¹⁴

⁹ Essa idealização apresenta duas faces distintas. De um lado, é fruto da história econômica do Brasil, caracterizada por graves clivagens no âmbito da distribuição de rendas. Por outro lado, “a política de imigração portuguesa favoreceu a proliferação dos segmentos mais precários do mercado de trabalho” quando inicia um processo de regularização de cidadãos estrangeiros que trabalhavam nesses setores. Essa regularização, por sua vez, estimula a entrada de novos trabalhadores para esses segmentos.

¹⁰ “Segunda vaga” é o termo que advém de um estudo realizado em 2004, utilizado para fazer referência cronológica à mudança social da imigração brasileira em Portugal, realizada numa segunda fase desse processo em que prevalece indivíduos de uma classe mais baixa economicamente. A primeira fase vigora até meados dos anos 1990, quando predominam as entradas no mercado primário. Na segunda fase, posterior àquela data, prevalecem as inserções no mercado secundário (cf. Peixoto e Figueiredo, 2007, p. 109). O estudo definiu o perfil dos brasileiros que chegaram ao país entre 1998 e 2003: jovens com média de idade entre 25 e 34 anos, oriundos principalmente dos estados de Minas Gerais (31%), Espírito Santo (13%), São Paulo (12%) e Paraná (12%), que migraram sós, independentemente do estado civil. A análise dos resultados mostrou que 79,5% dos entrevistados migraram por motivos econômicos: 54,5% devido aos baixos salários e 25% por razões de desemprego. Quanto às razões que levaram à escolha de Portugal como área de destino, a maioria apontou para a expectativa de fácil integração na sociedade e para a vantagem de conhecer o idioma (Bógus, 2007, p. 50).

¹¹ Para um estudo detalhado acerca do mercado de trabalho e imigrantes brasileiros em Portugal, ver o estudo realizado por Peixoto e Figueiredo (2007).

¹² Com o objetivo de preservar a identidade virtual dos membros da CBP1, as mensagens não apresentam os nomes correspondentes. Para melhor organização do trabalho, optou-se pela sigla L (Locutor). Quando essa vem seguida da letra P, indica um locutor que se declara de nacionalidade portuguesa.

¹³ Os textos analisados foram transcritos conforme o original. Devido à peculiaridade do grupo e a sua composição de membros, o conteúdo geralmente é escrito com erros de concordância gramatical e de ortografia. Junte-se a isso a linguagem própria adotada via CMC, que já é repleta de abreviaturas e de expressões adaptadas do vocabulário corrente. Quando houver divulgação de e-mails ou telefones, esses serão trocados por caracteres simbólicos.

¹⁴ Diferentemente da “primeira vaga”, em que a migração brasileira para Portugal caracterizava-se pela ocupação profissional em áreas intelectuais e científicas e profissões técnicas intermédias, a partir do ano 2001, esse quadro sofre alteração ao constatarmos que a maioria desse grupo encontra-se sobretudo a exercer funções de operários, artífices e trabalhadores similares, pessoal dos serviços e vendedores, trabalhadores não qualificados e técnicos e profissionais de nível intermédio (Peixoto e Figueiredo, 2007, p. 94).

Tabela 1. Enquete: O que te fez deixar o amado Brasil e aventurar-se em Portugal?**Table 1.** Why did you leave your beloved country (Brazil) to try a new life in Portugal?

O que te fez deixar o amado Brasil e aventurar-se em Portugal?	Votos
Emprego	34 (19%)
Estudo	23 (13%)
Família	40 (23%)
Contato com “o diferente”, mudança de vida	46 (26%)
Um sonho	28 (16%)
Total	171

Fonte: <http://www.orkut.com/Main#CommPollResults?cmm=204940&cpt=1198586553&cpid=1850893039>. Acesso: 10/09/2009.

Vale a pena viver em Portugal?

L2

*Na minha opinião aki!!! não vale apenas viver!!!!!!
Eu adoro portugal amo muito tudo isso mais sinceramente
não vejo aqui como um país pra eu viver pra sempre,
Porque, aqui não consigo está plenamente feliz, eu gosto
muito de sair, curtir aventura do tipo acampar, pescar na
beira no rio de agua doce, mais sei que aqui em portugal
tem tudo isso ou quase tudo mais não sei porque raios não
consigo estar completamente a vontade [...] sinceramente
nem eu consigo explicar mais aqui não é lugar pra se viver
e sim o melhor lugar que eu acho é um lugar chamado
Brasil precisamente no estado de Goiás lolololol.*

A dúvida, a ausência de referências e o desinteresse permeiam esse imaginário que vai se estabelecendo no delinear da “fala” desses imigrantes, por vezes carregada de uma ideia deprimente sobre esse lugar que foi ocupado. Esse tom depressivo parece atentar contra o estereótipo de um brasileiro alegre e versátil (DaMatta, 1984).

L3

*pra viver aqui sendo imigrante, nao é facil nao, sem
lazer, tédio, depressao, sem alegria, stressssssssssssss
todo dia, a saudade q vai comendo a gente a falta de
quem conversar, solidao, as vezes sem expectativas etc...
uma vida de privações...*

L4

*[...] Por um lado me considero como no seriado LOST,
onde muitas pessoas as vezes querem ir embora, lutam
para ir, mas nao conseguem se soltar daqui e os que
conseguem ir embora acabam voltando... [...] Confesso*

*que cada vez que vejo um avião da TAP passar no céu
me vem um pensamento de voltar, mas aí relembro
meus motivos e ganho força. [...] Ficar foi uma decisão
fácil, ruim é a corrida quase eterna da legalização
quando antes eu só precisava renovar o CPF.*

*Mas essa desconstrução de um ideal imaginário gerada
pela vivência cotidiana em Portugal é contrastada
com opiniões que atestam casos de sucesso, de superação
e de aquisição de qualidade de vida passível de ser
experimentada. Na mensagem a seguir, o sucesso e a
felicidade representam a compensação de experiências
anteriores fracassadas.*

L5

*Vale a pena sim... eu amoo Portugal e não quero sair
daqui nunca mais, o meu querido Brasil só a passeio
mesmo, mas isso porque tenho lembranças ruins no
Brasil. e aqui foi o lugar que decidi recomeçar e o qual
me adaptei, onde senti paz, felicidade e força. Daqui
eu não saio daqui ninguém me tira eh eh eh.*

Afirmação de uma identidade nacional

Outro tema recorrente nas mensagens da CBP1 é a afinidade em reforçar uma identidade nacional e uma “brasilidade”. Essa estratégia é definida pela tentativa de caracterização da existência e da participação desses membros em um grupo homogêneo, uma “comunidade imaginada” (Anderson, 2005) e uma “família ampliada”

(Hall, 2003), que se junta em torno de uma condição comum. Eles compartilham memórias da linguagem, dos hábitos e costumes, da gastronomia e dos afetos para reafirmar elos identitários que os diferenciam enquanto povo brasileiro. O deslocamento geográfico, a ausência de afetos e a saudade são compensadas com a localização desses elementos simbólicos que tomam formas pela interação estabelecida entre os membros da CBP1. É comum verificar nas mensagens trocadas essa representação metafórica de atributos que descrevem essa identidade nacional e cultural condicionada pelo distanciamento e aproximada pelo simbolismo cultural (cf. Hall, 2003, p. 27).

Apesar de as trocas culturais entre Portugal e Brasil estarem mais evidentes no primeiro, o povo brasileiro, bem como o português continua marcado pela diferença, “feita de afirmativas e de negativas diante de certas questões” (DaMatta, 1984, p. 17). Esse contato com a diferença funciona como processo de redescoberta de uma identidade, operando como uma chave que aciona o sentimento de pertencimento a um grupo homogêneo (Xavier, 2007). Resgatam-se sentimentos antes adormecidos e agora invocados pela distância, pela saudade, pela falta e pela diferença. Cristalizam-se a presença, a proximidade e a pertença.

Os membros da CBP1 apoiam-se em elos de continuidade com seus locais de origem, definidos pelo resgate memorial de objetos, comidas e sentimentos. A inúmera presença de produtos de origem brasileira em Portugal visivelmente não extingue a relação pessoal com a importação de produtos brasileiros. Prevalece o ritual do traslado do objeto. A valorização simbólica em torno do objeto reflete-se em algumas mensagens que respondem à pergunta “O que levar do Brasil para Portugal?”. A recorrência e a lembrança de objetos materiais remetem esses sujeitos ao lugar de origem e sustenta uma estratégia de aproximação com o referente simbólico.

L6

um esmalte da risqué [...] alicates de cutícula, sandálias alem de serem caras aqui não são muito bonitas; [...] yakult, pão de queijo, pamonha, água de coco, doce de leite, salgadinhos, tapioca, caldo de cana.

L7

[...] chocolate bis, havaianas, roupas de verão brasileiras [...] bolsas de couro, sapatos e sandalinhas (as daqui são horríveis), tapioca, suco de goiaba, água de coco, chuchu... ai ai q saudade de casa!

Solidariedade e ajuda mútua: o jogo da centralidade

O SEF me chamou!¹⁵

L8

Estou passando por um momento difícil e vim aqui pedir ajuda das pessoas, pois o SEF me chamou, eu não tenho como pagar e estou desempregada. Será que poderiam me ajudar de alguma forma? Para pegar a 1ª autorização de residência depois de um ano de inscrita.

Indicação de emprego ou mesmo um doação ou emprestimo que seja de um euro pra juntar e pagar o valor. [...] Recebi a ligação do SEF hoje a tarde! E há poucos minutos a dona do apartamento já ligou pedindo pra eu sair, mas pra mim o mais importante é a legalização.

Me disseram que eu era louca de fazer esse pedido na comunidade, mas mesmo assim quis apostar na solidariedade brasileira, mesmo sendo uma desconhecida. Estou agora falando com todo mundo e muitos disseram que poderiam ajudar com alguns trocados que talvez dê pra pagar [...]

A solidariedade, a ajuda mútua e o discurso da união são importantes componentes da construção identitária brasileira. Na CBP1, essas atitudes são constatadas pela exposição de problemas pessoais, íntimos e experiências cotidianas. Segundo Maffesoli (2006), a troca de informação no nível dos temas pessoais, desponta como uma forma simbólica de diálogo multilateral e reforça a tentativa da criação de laços amigáveis entre os participantes.

Não se trata de puro desinteresse: a ajuda dada pode sempre ser ressarcida no dia em que se tiver necessidade dela. [...] Esta estreita conexão é também discreta. Com efeito, não é apenas por meias palavras que esse fala dos percalços e peripécias pessoais, familiares e profissionais. Essa oralidade funciona como um rumor que, neste caso, tem uma função intrínseca: ela delimita o território onde se efetua a separação (Maffesoli, 2006, p. 59).

A mensagem “O SEF me chamou!” representa uma das histórias mais peculiares da CBP1: trata-se de um membro que alega dificuldades financeiras para arcar

¹⁵ Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

com despesas de regularização junto ao Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. O pedido de socorro é respondido em mais de 700 mensagens e representa o forte papel e a confiança que é atribuída à CBP1. Ou seja, ao cometer o ato, faculta uma livre associação ao que ocorre no interior das comunidades *offline* onde vigora intimidade suficiente para executar tal ação. Maffesoli acredita que é o sentimento invocado por esse membro da CBP1 “o verdadeiro cimento societal”, capaz de “conduzir à rebelião política, à revolta pontual, à luta pelo pão, à greve de solidariedade” (Maffesoli, 2006, p. 87).

L9

Ajuda a conterrânea. Sugiro que ela forneça um nº de conta ou coisa assim. então, quem puder e quiser ajudar, poderia depositar uma pequena quantia que, ao cabo, somada, poderia lbe fazer a “diferença”, sem afectar o nosso bolsinho também minguaquinho pela crise. rrsrrsr. De qualquer forma, se isso for pra frente, eu também posso contribuir. Sorte!

Ajudar uns aos outros, ainda que esses sejam desconhecidos, ou participar de uma causa social é uma característica que procura definir o sujeito brasileiro que participa dessa “comunidade” *online*. Essas atitudes fazem referência a “mecanismos de reciprocidade”, ativados pela ideia de uma compensação àqueles que, por motivos financeiros, acabam por solicitar apoio à rede social de que faz parte (cf. Machado, 2009). Esse processo descreve um interessante componente do imaginário social do imigrante brasileiro, caracterizado pela recorrência a uma certa “brasilidade” fruto de um “jogo de centralidade”¹⁶ que se instala entre os brasileiros (Machado, 2009). Tal “jogo” é invocado por premissas fixadas no imaginário do imigrante a partir de pressupostos estereotipados sobre o comportamento do brasileiro, um povo simpático, solidário, feliz e cheio de maneiras evasivas de resolver problemas. A ausência da predisposição em ajudar um membro da mesma comunidade sinaliza a diminuição do nível da “brasilidade”. A elevação desse índice dá-se na medida em que o membro ou o indivíduo aproxima-se dessa caracterização imaginária que, supostamente, constitui o comportamento nacional.

A desconfiança e a ironia da mensagem que segue são um exemplo do risco que a CBP1 resolveu assumir,

seguida de uma das respostas que fortalecem o “jogo de centralidade”.

L10

isso me cheira merda... já começa haver muita gente interesada em resolver a vida da L1, aliás....acho q o intuito desta comunidade não é virar casa benéfica. este tipo de tópico tira o valor e credibilidade q esta comunidade tem, já q deu para perceber q os próprios mediadores da comunidade estão muitíssimos empenhados com a causa da L1.. acho q a dona L1 vai dar uma festa com o dinheiro arrecadado, e claro.. vai chamar todos os membros q ajudaram mandando mensagens de incentivo a sua causa. claro q isso tudo já foi combinado previamente entre os membros.

L11

que cara mais istupido, que otário,será que é brasileiro, não é possível, meu deus, tem gente que só está no mundo para fazer volume, só pode, tomara deus que ele nunca ira precisar de ajuda de ninguem, mas se precisar estamos aqui para ajudar [...].

Negociação de estereótipos: prostituição e simpatia

Dos imigrantes brasileiros em Portugal, a atual população feminina é ligeiramente superior à masculina. Segundo os dados do SEF, 57.494 mulheres brasileiras vivem em Portugal em situação legalizada. Em relação à migração masculina, o último relatório do SEF contabilizou 49.467 indivíduos (SEF, 2008, p. 27).

Um dos estereótipos associados à mulher brasileira relaciona-se à ideia de que grande parte das imigrantes do sexo feminino desloca-se para exercer a profissão de trabalhadoras do sexo. Esse imaginário sobre o comportamento feminino é, em alguns casos, alimentado pela reprodução desse discurso nas telenovelas brasileiras veiculadas em Portugal e pelas notícias. No entanto, para Machado (2009), as telenovelas não são o motivo principal dessa associação à mulher brasileira, e sim à entrada dessas trabalhadoras nos anos 1990. Juntam-se a imagem apelativa da sensualidade da mulher brasileira retratada

¹⁶ “[...] se o jogo da centralidade é uma disputa pela aproximação do centro de uma representação sobre o Brasil, então fica evidente que esta imagem está ligada à “disposição para ajudar” e os mecanismos de troca envolvidos terão íntima relação com o processo político de construção de pessoas que se aproximam mais ou menos da imagem mencionada” (Machado 2009, p. 98).

nas telenovelas ao empirismo da presença de prostitutas brasileiras em Portugal. A primeira imagem potencializa a segunda. Para Machado (2009) esta é a única relação entre as duas questões. O estereótipo é reforçado pela má interpretação do modo de a mulher brasileira se relacionar com o corpo, com seus entes e com o vestuário. Para esse autor, a ligação da mulher com o corpo é uma relação que diz respeito a sua própria identidade e à cultura estabelecida como brasileira. No jogo de centralidade entre portugueses e brasileiros, o corpo é um elemento que materializa a cultura, seja através de movimentos específicos, danças, gestos de expressão emotiva ou de sentido sexual.

“Toda a imagem sobre o Brasil, seja por parte de Brasileiros ou de Portugueses, é marcada pela ideia de um corpo brasileiro, de uma corporalidade específica, mais sensual, mais flexível, mais doce, mais malandra, mais feliz. Ideias que são sempre exemplificadas pela ginga do jogador de futebol, pelo “jogo de cintura” das prostitutas brasileiras. A construção de um corpo, de uma forma de estar e agir, movimentar, olhar, pegar, é fundamental na construção de uma identidade ou de uma cultura (Machado, 2007, p. 177).

A cordialidade brasileira também é um fato recorrente que caracteriza um dos aspectos dessa “brasilidade” (DaMatta, 1984). O jeito “caloroso” dos brasileiros desencadeia um imaginário na sociedade portuguesa alimentado pela ideia de uma simpatia inerente e quase genética. Essa simpatia, que Padilla (2007) denomina como “étnica”, vem ao encontro de uma imediata identificação que portugueses têm a uma identidade nacional uniformizada. Segundo Padilla (2007), “os brasileiros não têm de negociar a identidade nacional” já que são destacados das outras nacionalidades a partir desse pressuposto identitário. Em contraponto, o surgimento de estereótipos associados a essa facilidade em demonstrar afetos, obriga os brasileiros a negociarem a imagem dessa identidade nacional. Para a sociedade portuguesa em geral, os brasileiros são indivíduos sensualizados e festivos.¹⁷ Os homens são preguiçosos, malandros e aproveitadores, e as mulheres expansivas, comunicativas, calorosas, exuberantes e “fáceis”. Essa uniformização e generalização da imagem nacional brasileira advém de uma indução produzida pela

pouca informação ou por casos isolados estandardizados pelos *media* (Padilla, 2007, p. 124).

Os membros da CBP1 estão atentos a questões relacionadas com preconceito, racismos, maus tratos e diversas situações relacionadas a aspectos da sua vida social. Os diversos registros indicam uma necessidade de afirmar ou negar as realidades representativas que estão inerentes à condição de ser imigrante e brasileira em Portugal. No tópico que segue um dos membros descreve esse imaginário que está repercutido naquilo que se sabe sobre a imagem da mulher brasileira que vive ou mesmo que viaja em caráter de turismo para Portugal.

Não quero ser confundida com prostituta

L12

[...] Eu tenho uma dúvida, uma amiga minha [...], reclamava muito de ser confundida como prostituta. Eu já li alguns tópicos na comunidade sobre isso, mas não foi suficiente para saber ao certo como é essa questão. Por que as mulheres brasileiras são vistas assim aí na Europa. Há alguma diferença tão gritante que nos diferencie das europeias? As brasileiras aí se vestem de um modo muito diferente, usam muita maquiagem, roupas mais apertadas, ou manguinha de fora? E as europeias não se vestem assim? Enfim, eu só postei isso por que essa minha amiga reclamou muito, apesar dela não ser prostituta, me disse que sempre recebeu propostas de portugueses e outros estrangeiros. Enfim, quando eu for para aí, devo fazer algo para não ser confundida como tal?

A última pergunta é um pedido à CPB1 para descrever o que as mulheres enfrentam diante dessa realidade estereotipada. As respostas são controversas. A imagem preconcebida gera hostilidade e desconfiança entre as próprias compatriotas:

L13

para mulheres tbm é interessante moderar o vestuário, uma vez que calças de ganga muito puxadas para cima e decotes sensuais aliados a uma maquiagem de cabaré e um vocabulário “indecente”, definem uma pessoa que vive do corpo [...] pelo menos na minha opinião e pela maneira como algumas amigas minhas que são prostitutas “de luxo” se vestem...

¹⁷ Um dos membros ao falar sobre as dificuldades enfrentadas em Portugal descreve que a “qualidade de vida é muito boa considerando ter trabalho, passeio, alimentação, estudos, transporte, etc. Mas vale pesar muito as motivações pessoais para estar distante de entes queridos, todo o círculo social formado no Brasil e rotina de festas. Embora aqui haja muitos brasileiros e muitas festas também, nada substitui o valor da presença de algumas pessoas de nossas vidas. Mas aqui dá pra fazer uns amigos, demora, mas consegue...”.

L14

Nao usar Akele bikini “fio dental” na praia, de preferencia com acessorios a acompanhar (brincos de argola, pulseiras, tipo arvore de natal) Nao passar o dia no Colombo com roupa de ginastica, e muito importante, almocar em horario normal, como os comuns mortais, nao as 16/17 hs e ainda por cima com cara de quem dormiu o dia todo :)

L15

eu conheço mulheres brasileiras que preferiram optar por um tipo de prostituição mais velada para ter tempo pra estudar e não precisar ficar ralando atrás de um balcão de algum café ou restaurante. Ganham mais, comem lagosta e bebem Veuve Clicquot e mantêm pose de madame. Enfim, muitas delas ainda preferem a vida boa que a genitália pode proporcionar. A fama tem precedência.

A necessidade de negociar a identidade brasileira é um forte componente do discurso dos imigrantes que fazem parte da CPB1. Por um lado, como aponta Machado (2007, 2009), encaixar-se no modelo estereotipado que a sociedade portuguesa atribui ao brasileiro, em alguns casos, pode facilitar a vida do imigrante que precisa de trabalho e legalização de documentos. Muitos se submetem a participar de um “mercado de alegria”, em que a moeda corrente que garante benefícios é a demonstração de simpatia, cordialidade e receptividade. Como sem dinheiro não há palhaços, a “imagem que o imigrante passa a vender como a do ‘autêntico brasileiro’ passa a ser esta a imagem exotizada” (Machado, 2007, p. 174).

Essa generalização causa transtornos identitários e sociais para as mulheres que não fazem parte do universo da prostituição. Como qualquer outro indivíduo, o brasileiro não apresenta um tipo padrão com vistas a responder universal e uniformemente aos modelos cognitivos originados pelo nivelamento social.

A necessidade de negociar a identidade feminina brasileira, para alguns membros da CPB1, revela-se como algo repudiável, principalmente quando essa questão está ligada à categorização social da mulher pela exteriorização de roupas, maquiagens, gestos e falas. Nas mensagens anteriores a relação com a prostituição já foi negociada por aproximação aos símbolos e comportamentos, comumente associados ao erotismo. Ao mesmo tempo, acontece o distanciamento, evidenciado pela demarcação identitária desse estereótipo. Ou seja, as características desse modelo compartimentado acerca da

mulher brasileira, torna-se ponto de partida para criação de um outro modelo paralelo e oposto no qual outras mulheres procuram encaixar-se.

L16

ISSO AGORA E CRACHÁ DE PUTA??????

(Não usar casaco até os pés com sandálias no Inverno também ajuda..) Se for rica e trabalhar na tv poDEEEE, brasileira não [...] (Nao usar Akele bikini “fio dental” na praia) Isso é pra quem pode, não pra quem quer!!!E fio dental agora virou roupa de puta!!!kkkkkkk!!!!((de preferencia com acessorios a acompanhar(brincos de argola,pulseiras,tipo arvore de natal)) Aff!!Santa paciencia gente,se as brasileiras estao pensando assim imaginas as portuguesa!!!! (Nao passar o dia no Colombo com roupa de ginastica) Imagina uma mulher que trabalha e so tem um dia pra ir no ginasio,e por azar calhou de passar no colmpo com aquela roupa, Cuidado é PUta!!!KKKKKKKKKKKKKKKK!!!! ((e muito importante, almocar em horario normal,como os comuns mortais,nao as 16/17 hs e ainda por cima com cara de quem dormiu o dia todo))Viva as putas de Portugal, os centros comercias se calhar fazem comida o dia todo e serve a qualquer hora pois so Puta que come fora de hora!!!PARA O MUNDO QUE QUERO DESCER!!!!!! ((E aquelas que além de usar fio dental na praia o biquini é bandeira do Brasil?))Agora vamos ter que usar bikines com estampas de portugal e abafar que somos prasileiras so pra na ser taxada na rua!!! So mesmo aqui que vejo isso!!!

O emaranhando simbólico gerado pela concepção externa e interna da imagem do brasileiro aprisiona, simbolicamente, esses indivíduos entre o desejo de ser “simpático” para conseguir emprego, documentos e acolhimento e a tentativa da readaptação em uma nova cultura (Padilla, 2007, p. 124; Machado, 2007, p. 177). Paralelamente, estão presos também à vontade de apresentar uma identidade comum, globalizada e emparelhada a outras identidades a fim de exercerem os seus direitos enquanto cidadãos.

Os membros da CPB1 descrevem essa dualidade de tentativas no mesmo *post* que retrata a questão do estereótipo feminino em Portugal. Uns procuram na própria fisionomia a estratégia de distanciamento do corpo brasileiro, aproximando-se de um imaginário que elege a figura da mulher “europeia” como ponto de fuga. Outros preferem distanciarem-se pelo esforço do exercício aproximativo com o sotaque português.

L17

o problema nem é ser confundida... eu p exemplo n tenho feições d brasileira, sempre me confundem c kualker raça européia rrsrs...menos brasileira, uns nem acreditam...mas dpois q digo q sou, vêem sempre as piadinhas maldoas e inconvenientes, esteriotipam sempre.

L18

na verdade axo esse papo “mó” besteira...tem d td em td canto do mundo,dizer q a brasileira é mais assanhada só suja ainda mais a pouca reputação q temos. as vz se tou no meio d muitos tugas, falo bem baixinho p ngm perceber q sou brasileira, mas as vz me safo pois pensam mesmo q sou tuga hehehe.

A dupla realidade que se encontra o imigrante brasileiro em Portugal coloca, muitas vezes, a própria noção de identidade nacional brasileira em jogo, fazendo com que o indivíduo tenha que encaixar-se nesse modelo idealizado pela sociedade portuguesa. Alguns controlam as roupas, a linguagem, o movimento do corpo.

L19

[...] A maioria dos portugueses infelizmente ve as brasileiras como putas e os brasileiros como ladroes..E jugam logo assim que ve, sem ao menos conhecer nem nada. [...] Um dia, perguntei ao meu cabeleireiro pq ele tinha essa opinião das brasileiras e ele me disse o seguinte: Eu não generalizo.. Mais a maioria das brasileiras se portam e se vestem muito mau aos lugares que vão [...].

L20

É a velha história de acharem que continuam no Brasil e querer vestir e se comportar como faziam lá. Não, aqui não é Brasil, e os portugueses (e não só) muitas vezes ficam chocados com a maneira de ser de umas mais afoitas. Se a pessoas tentar se adaptar as coisas daqui, certamente não sofrerá preconceito. É simples, as pessoas que complicam.

A fala de L20 ilustra aquilo que Machado (2007) descreve como “movimento coletivo de exotização”, em que a própria percepção individual sobre a identidade

brasileira aproxima-se da idealização do estereótipo português. “Os estereótipos ‘ganharam vida’ e os brasileiros transformaram-se na imagem que deles esperavam os portugueses” (Machado, 2007, p. 174).

Administração dos preconceitos

Uma das consequências desse processo de estigmatização da identidade nacional brasileira em Portugal, ponderada na escrita da CBP1, é refletida nos preconceitos que continuam a existir e a congestionar o relacionamento entre os portugueses e brasileiros. O preconceito gera uma violência simbólica, fruto de uma cultura dominante que não aceita o estigmatizado como um sujeito que compartilhe os mesmos valores e crenças. A violência simbólica, em muitos casos é sentida pelos atingidos, mas nem sempre combatida. É aceita como algo cotidiano, imposto por um poder simbólico construído por significados legitimadores de uma desigualdade (Bourdieu, 2004).

Segundo pesquisa realizada pela Agência de Direitos Fundamentais da União Europeia, 44% dos brasileiros em Portugal dizem ter sofrido algum tipo discriminação (Bizzotto, 2009). Outra pesquisa realizada no âmbito das imagens recíprocas entre as duas nacionalidades descreve uma disparidade que alterna-se em conceber o brasileiro como alegre e simpático, ao mesmo tempo que não são, em geral, honestos ou competentes, conforme Tabela 2.¹⁸

Em relação aos brasileiros questionados sobre as situações de discriminação sentidas em diversas situações, a pesquisa aponta que os locais mais susceptíveis são o trabalho, a escola e os espaços públicos. Em relação ao convívio entre vizinhos, contato com a polícia e tribunais, esse número é relativamente baixo.¹⁹

No período de análise de dados, verificou-se que essa temática sempre esteve presente nas mensagens trocadas entre os membros. A sutileza desse preconceito é retratada de um modo ambivalente. De um lado, os brasileiros da CBP1 reclamam sobre o tratamento que recebem no país de acolhimento, por outro, contrapõem-no revelando preconceitos contra portugueses.

¹⁸ A pesquisa coordenada por Lages (2006), denominada “Os imigrantes e a população portuguesa, imagens recíprocas” contemplou toda classe de imigrantes em Portugal.

¹⁹ Num universo de 376 entrevistados, não se sentiram discriminados: 85,9% (vizinhança); 92,6% (polícia e tribunais); 29% (trabalho, escola); 25,6% (locais públicos) (Lages, 2006).

Tabela 2. Estereótipos dos portugueses acerca dos brasileiros (%).**Table 2.** Brazilian's stereotype by Portuguese people (%).

	Sim	Não
São alegres e bem dispostos	74,7	25,3
São simpáticos e de trato fácil	63,2	36,8
São em geral bem educados	47,2	52,8
São em geral bons profissionais	31,3	68,7
São em geral competentes e cumpridores	30,0	70,0
São em geral sérios e honestos	25,7	74,3
Têm contribuído para a violência	23,7	76,3
Têm contribuído para o tráfico de drogas	33,8	66,2
Têm contribuído para a prostituição	69,6	30,4
Têm contribuído para o crime organizado	22,9	77,1
Número total de respondentes portugueses = 1539		

Fonte: Lages (2006).

L21

[...] me aconteceu recentemente dos funcionários do banco ficarem me levando em banho maria porque eu não era cidadã portuguesa (eu queria um cartão de crédito e eles disseram que como eu não tinha BI era complicado que eu passasse lá depois, fui depois e eles me pediram que voltasse depois)... Tem a história que eu fui procurar emprego e depois da entrevista o cara me chamou para ser garota de programa [...]

Em muitos casos, os membros sentem que essa diferenciação é estimulada no momento em que o brasileiro se expressa oralmente. O sotaque brasileiro é discriminatório. Quando o sujeito “brasileiro fala fica evidente que não é português e imediatamente a carga simbólica relacionada com o primeiro é ativada” (Machado, 2009, p. 125).

L22

[...] Eles julgam muito qdo você abre a boca e fala com o tal famoso “sotaque brasileiro” (ou será eles que tem sotaque e nós não ??)...e ai la vem aquela frase..”ahhh, você é brasileiro,,”

L23

[...] hj mesmo fui atender uma senhora e ela perguntou-me q língua eu falava...logo depois larga: AH...A MENINA É BRASILEIRA, PRONTO!

Esses processos relacionais que estão evidenciados na vida da CBP1 podem ser vistos pela ótica de uma vi-

timização que muitos brasileiros recorrem para mascarar a intensificação que esses sujeitos realizam ao manter o tal “jogo da centralidade”, proposto por Machado (2009). Quanto mais o brasileiro decide marcar seu posicionamento dentro da comunidade em oposição aos estereótipos imputados pelo imaginário português, mais reforçam essa evidência. Ou seja, quanto mais o brasileiro define seu cotidiano como tipicamente “abrasileirado”, mais colabora para fortalecer o imaginário lusitano.

Na CBP1, é evidente a facilidade de contato entre brasileiros e portugueses, ainda que este segundo grupo represente uma minoria. Essa relação binacional gera imagens recíprocas entre as duas nacionalidades. A figura do português vista pelo brasileiro na CBP1 parte de antagonismos imaginados advindos de categorizações opostas: tristeza *versus* alegria, samba *versus* fado, trabalho *versus* carnaval (Machado, 2009, p. 133). Volta-se à questão da exacerbação dos modelos preconcebidos por parte das duas nacionalidades. Machado (2009) chega a ponderar que nesse jogo recíproco, portugueses tendem a apresentar-se como um “antibrasileiro” ao marcar sua posição enquanto sujeito triste, sério e monarca, que por vezes encontra no brasileiro a figura extrovertida, alegre e palhaça.

L24

O povo brasileiro é um povo feliz, alegre, livre, de cabeça fria... Já os portugueses são super fechados, sérios, mau dispostos a maioria das vezes... E infelizmente o brasileiro que quiser viver bem aqui, tem que ser iguais a eles.. Isso tá sendo a minha maior dificuldade cá...

L25

Xóoooooooooooo.....tristeza.

Um viva a alegria, a feijoada de sábado, o churrasco de domingo na laje, ao pagode, as festas juninas, ao forró, ao sol, as praias, etc. etc. etc.

Considerações finais

A CBP1 age como um lugar referencial da experiência migratória em que circulam histórias de vidas e diferentes realidades; um lugar de redescoberta identitária mediante a confirmação escrita dessas (in)certezas. Participar desse grupo é o ato de narrar a própria história (Poster, 2000). A pertença, a presença e a proximidade ali estabelecidas concentram-se nesse jogo de investimento afetivo em histórias que se assemelham umas às outras. Uma experiência coletiva que mistura uma cotidianidade e cria esse sentimento comunitário de fora para dentro da Internet (Rheingold, 1996).

A “comunidade” virtual “Brasileiros em Portugal” interioriza seus dramas, suas dúvidas, suas inseguranças, seus medos, suas brincadeiras, suas simpatias, seus afetos e seus desafetos. Muitas vezes, é pautada pela simpatia e pela cordialidade. Em outras, pela rispidez das relações. Seus membros utilizam a Internet como ponto de apoio de uma comunidade *offline* que realiza “orkontros”, churrascos e festas juninas. A base deste desdobramento físico sustenta-se pelas formas heterodoxas de abordagens e de contatos que se realizam no *online*, reforçada pela tentativa de reatualização do mito da comunidade original e por um imaginário carregado de um sentimento de pertença.

Uma comunidade poderia ser pensada a partir das ideias naturalistas de Tönnies (1947), do funcionalismo de Durkheim (1960) ou da forma estruturalista de Weber (1944). Pode-se também entendê-la pela ideia de partilha de Bauman (2003), de pertencimento de Maffesoli (2006), ou ainda pela representação da comunhão imaginada, descrita por Anderson (2005). Transpor esses conceitos para a ideia de uma “comunidade” virtual talvez seja demasiado arriscado. Essa hipótese não foi a base desta pesquisa. Ao contrário, este trabalho não se privou em afirmar ou desafirmar que o grupo pesquisado se constitua em uma autêntica comunidade baseada na complexidade da ação humana e sim em descrever como o discurso – a “fala” na Internet – representa a organização e o imaginário das suas vidas (Hilgert, 2006).

Certamente ela não será o axioma mais irrepreensível da vivência comunal de Tönnies (1947) ou de Bauman (2003). Mas também não será o adágio que favorece um derrotismo social. No muito, ela representa um recurso, uma tática. Talvez resposta para confirmar o entusiasmo de Castells em tentar construir uma redefinição do sentido de comunidade quando deixa de lado a transcendência cultural para dar ênfase à sua função de apoio (Castells, 2007, p. 156-157). A fala, a simulação de uma conversa tridimensional entre os sujeitos, exemplifica o esforço do grupo em configurar a proximidade. Uma tentativa de superar a dureza do *hardware*, do sistema e do dinheiro que irrompem contra as solidariedades. É o escape. A vontade de sair da caverna. A tentativa de reorganização.

Durante o processo de análise, foi evidente perceber que alguns dos elementos que suposta ou teoricamente fazem parte da composição de nossas reais formas comunitárias estavam presentes na dinâmica desse grupo virtual. Mas nem por isso foi possível, de maneira simples e objetiva apontá-lo como uma “legítima” comunidade. Aliás, é melhor concordar com Poster (2000), quando afirma que nas “virtuais” o estabelecimento da noção de comunidade não advém necessariamente de uma paridade com as “reais”, mas de uma nova adequação, ou ainda da adoção de mecanismos que apontam para a constituição de uma nova forma de sociabilidade através dos recursos tecnológicos. O mais certo que se atingiu neste trabalho foi constatar que a Internet, se não resolve o problema da comunidade, pelo menos alarga e potencializa as trocas simbólicas que permeiam o universo desses indivíduos, enfatizado pela “crença compartilhada nos princípios da liberdade de expressão, o individualismo, a igualdade e o livre acesso dos mesmos interesses simbólicos [...] que pode levar a um espírito comunitário e ao vínculo social aparente” (Fernback e Thompson, 1995). Saudade, preço de bilhetes para o Brasil, gastronomia, autorização de residência, dificuldades financeiras e diferenças entre os costumes do brasileiro e do português eram assuntos que sempre rodeavam a construção do imaginário social fora da Internet. Pode ser óbvio também julgar que esse universo de composição *off* se transporia para a Internet com muita facilidade. E lá estava. No entanto, a maior descoberta foi o confronto com uma realidade, se não mais verídica, mais evidenciada pela repetição de temas que, quase num salto, multiplicavam-se no decurso da sua “fala”. Pelo caráter amplificador da Internet, aquelas vezes, restritas às rodas de amigos, alcançaram um *status* de registro documental-memorial da realidade

experimentada no *off*. A prática da “Comunidade Brasileiros em Portugal” tornou-se um discurso transposto de dramas pessoais interpostos por histórias de alegrias e de saudades. Durante os meses de observação participante, aquele “lugar” de brasileiros que vivem ou viveram em Portugal dividido com alguns portugueses, revelou realidades latentes que saltavam do real para o virtual e, num movimento inverso, pulavam do virtual para o real. É quase isso. Uma mescla que ainda, em todo, não pode ser percebida com exatidão porque a Internet, indecisa e mutável, acabou por caracterizá-la assim, um misto, meio híbrida. Na dificuldade de definição ou de um vislumbre do futuro das formas de sociabilidade virtual nas novas redes sociais, a Internet é descrita por diversos entendimentos. Alguns baseados na esperança acreditam que esses mecanismos podem fortalecer e estimular os laços sociais sem nocividade aos encontros tridimensionais. Outros, apoiados por uma contemporaneidade marcada pelo individualismo, pelo capitalismo e pela produção desenfreada de conteúdos e de novos consumos, receiam que esse novo espaço constituído alicie de tal maneira a restringir o contato físico e a palpabilidade das coisas.

No caso deste trabalho, o objetivo esteve mais relacionado a um esforço de refletir sobre a função atribuída à Internet por esse grupo de sujeitos: um lugar de desenvolvimento do imaginário social fortalecido por suas próprias narrativas para apontar possibilidades apropriativas desses meios. Partiu-se do interesse “não pelos produtos culturais oferecidos no mercado de bens, mas pelas operações dos seus usuários” (Certeau, 2008, p. 13).

As mensagens, muito mais que combinações binárias disfarçadas pelo texto virtual, são representações advindas de uma transposição de categorias da realidade física codificada para uma realidade virtual, constituídas pela comunicação entre esses pares, “como se estivessem num espaço comum, como se pudesse ser mapeado pela perspectiva cartesiana”, e encaradas “como inteiramente significativas para as histórias pessoais dos participantes” (Poster, 2000, p. 49).

Nesse processo de participação da vida da CBP1, o imaginário daqueles sujeitos se desenrola. Protestos, murmúrios, incertezas, errâncias, preconceito, asperezas eram, a todo momento, contrastados com a ajuda mútua, a simpatia, a força de vontade e a superação. Sentimentos que contribuíam para que os participantes discutissem entre si, defendessem-se de injustiças e buscassem uma forma de ajudar uns aos outros. Era o tema da vida transportado para o ecrã.

O imaginário social que se constitui na CBP1 apresenta faces distintas. Representa a extensa história entre Brasil e Portugal, seja a nível de trocas culturais, linguísticas, gastronômicas ou em relação às disputas sociais entre as duas nacionalidades. No nível da experiência cultural, essa representação é mais evidente. Estudos sobre a migração brasileira em Portugal descrevem os imigrantes brasileiros com base em diversas categorizações desses sujeitos e de suas relações fora do Brasil. Fala-se de “jogo da centralidade”, “mercado da simpatia”, “exotização do corpo”, “negociação da identidade”. Nenhuma dessas teorias foram desconsideradas. Ao contrário, muitas delas, se não todas, foram evidenciadas e complementadas pelas narrativas construídas pelos participantes da “Comunidade Brasileiros em Portugal”. Esses processos identitários tornaram-se evidência de que a imagem do imigrante brasileiro sobre sua própria condição está constituída tanto, e principalmente, fora da rede como dentro. Fala-se de uma realidade experimentada, não passível de qualquer indução para aferi-la. Espontânea, quase instintiva.

Unidos pelo tema e pelo interesse e limitados pela técnica da Internet, os membros procuram superar a distância e a frieza do computador tendo como suporte o sentimento eleito por Maffesoli como “cimento societal”: o da pertença. Indicam-se empregos, realizam-se festas, respondem-se a dúvidas. Aproximam-se como podem e como imaginam, num vitalismo característico da sociabilidade contemporânea. Ligam-se ao Brasil e aos brasileiros num movimento de substituição da desterritorialização geográfica pela reterritorialização imaginada.

Apesar de parecer otimista em excesso, o percurso da CBP1 e o desenvolvimento deste trabalho limitaram-se a encontrar uma imagem construída por uma narrativa espontânea que refletisse uma realidade aproximada do cotidiano desse grupo através da utilização de mecanismos de interação social *online*, algumas vezes apresentada inversamente à ideia de que a Internet se configure no messias esperado para salvar minorias étnicas. Dessa forma, contribuiu-se para uma reflexão sobre as possibilidades de utilização das novas tecnologias de informação e comunicação não como salvação de um comunitarismo urgente mas como uma possibilidade presente. E ainda percebeu-se o “ciberespaço” como estrutura rizomática constituída por uma diversidade de utilizadores que imaginam a tecnologia dos *softwares* sociais uma nova referência de manutenção dos relacionamentos.

Referências

- ANDERSON, B. 2005. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. Lisboa, Edições 70, 283 p.
- BAUMAN, Z. 2003. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 141 p.
- BAUDRILLARD, J. 1996. *O crime perfeito*. Lisboa, Relógio d'água, 193 p.
- BAUDRILLARD, J. 1991. *Simulacros e simulações*. Lisboa, Relógio d'água, 201 p.
- BIZZOTTO, M. 2009. Estudo da UE diz que 44% dos brasileiros em Portugal já sofreram discriminação. BBC Brasil. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/04/090422_discriminacao_mb_ac.shtml. Acesso em: 14/09/2009.
- BRAZ, R. 2002. Por onde o peixe foge. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Edição Extra:285-303.
- BOGUS, L. 2007. Esperança Além-Mar: Portugal no 'arquipélago migratório' brasileiro. In: J.M. MALHEIROS (org.), *A imigração brasileira em Portugal*. Lisboa, ACIDI, p. 39-58. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrazileira.pdf. Acesso em: 19/09/2009.
- BOURDIEU, P. 2004. *O Poder Simbólico*. 7ª ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 316 p.
- BOYD, D. 2007. Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life. In: D. BUCKINGHAM (ed.), *Youth, Identity, and Digital Media*. Cambridge, The MIT Press, p. 119-142. Disponível em: <http://www.danah.org/papers/WhyYouthHeart.pdf>. Acesso em: 28/09/2009.
- BUBER, M. 1987. *Sobre comunidade*. São Paulo, Perspectiva, 136 p. (Coleção Debates).
- CASTELLS, M. 2007. *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, Negócios e Sociedade*. 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 325 p.
- CASTELLS, M. 2005. *A Sociedade em Rede*. 6ª ed., São Paulo, Paz & Terra, 698 p.
- CASTELLS, M. 2003. Internet e Sociedade em Rede. In: D. de MORAES (Org.). *Por uma outra Globalização: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, p. 255- 287.
- CERTEAU, M. DE 2008. *A Invenção do cotidiano – artes de fazer*. 15ª ed., Petrópolis, Vozes, 352 p.
- CONVERGÊNCIA DIGITAL. 2009. Web: Brasil tem 44,5 milhões com acesso ativo de casa ou do trabalho. Disponível em: <http://convergenciadigital.uol.com.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=19177&sid=4>. Acessado em: 19/08/2009.
- CORRÊA, C.H.W. 2008. *Reterritorializações no Não-lugar da Rede Social Orkut*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 271 p. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1245. Acesso em: 28/09/2009.
- DAMATTA, R. 1984. *O que faz o brasil, Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 126 p.
- DURKHEIM, E. 1960. *De la Division du Travail Social*. 7ª ed., Paris, Press Universitaires de France, 416 p.
- ESSENFELDER, R. 2009. Utopia de democracia direta e igualdade total na web é mentirosa, diz filósofo. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u613875.shtml>. Acessado em: 29/09/2009.
- FERNBACK, J.; THOMPSON, B. 1995. *Virtual Communities: Abort, Retry, Failure?* Disponível em: <http://www.well.com/~hhr/texts/VCCivil.html>. Acesso em: 16/09/2009.
- HALL, S. 2003. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 215 p.
- HILGERT, J.G. 2006. O falante como o observador de suas próprias palavras: retomando aspectos metadiscursivos na construção do texto falado. In: D. PRETI (org.), *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, p. 161-187.
- HINE, C. 2004. *Etnografia Virtual*. Barcelona, Editorial UOC, 210 p. (Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad).
- KOZINETS, R.V. 1998. On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. In: J.W. ALBA; J.W. HUTCHINSON (eds.), *Advances in Consumer Research*. UT, Association for Consumer Research, vol. 25, p. 366-371. Disponível em: <http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?id=8180>. Acesso em: 30/06/2009.
- KOZINETS, R.V. 2002. The Field Behind the Screen: using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research*, 39(1):61-72. Disponível em: http://economia.unipv.it/marketing_high_tech/high_tech_lecture/integrazioni/kozinetsFieldBehind.pdf. Acesso em: 13/09/2009.
- LAGES, M.F. 2006. *Os imigrantes e a população portuguesa, imagens recíprocas*. Lisboa, Observatório da Imigração 21, 217 p. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Estudos%20OI/Estudo_OI_21.pdf. Acesso em: 19/09/2009.
- LANG, M. 2009. Orkut se adianta à visita do 'pai' do Facebook e divulga crescimento no Brasil. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u601967.shtml>. Acesso em: 14/09/2009.
- LÉVY, P. 1999. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34, 264 p. (Coleção Trans).
- MACHADO, I.J.R. 2009. *Cárcere Público: Processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa, ICS, 256 p.

- MACHADO, I.J.R. 2007. Reflexões sobre as Identidades Brasileiras em Portugal. In: J.M. MALHEIROS (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, ACIDI, p. 171-190. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf. Acesso em: 19/09/2009.
- MAFFESOLI, M. 2006. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 320 p.
- MALHEIROS, J.M. 2007. Os brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos. In: J.G. MALHEIROS (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, ACIDI, p. 11-38. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf. Acesso em: 19/09/2009.
- MATTELART, A. 2000. *A Globalização da Comunicação*. Bauru, EDUSC, 192 p.
- PADILLA, B. 2007. A Imigrante brasileira em Portugal: Considerando o género na análise. In: J.M. MALHEIROS (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, ACIDI, p. 113-134. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf. Acesso em: 19/09/2009.
- PEIXOTO, J.; FIGUEIREDO, A. 2007. Imigrantes Brasileiros e o Mercado de Trabalho em Portugal. In: J.M. MALHEIROS (org.), *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa, ACIDI, p. 87-112. Disponível em: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf. Acesso em: 19/09/2009.
- POSTER, M. 2000. *A Segunda Era dos Média*. Oeiras, Celta Editora, 181 p.
- QUAN-HAASE, A.; WELLMAN, B.; WITTE, J.C.; HAMPTON, K.N. 2002. Capitalizing on the Internet: Social Contact, Civic Engagement, and Sense of Community. In: W. BARRY; C. HAYTHORNTHWAITTE (eds.), *The Internet in Everyday Life*. Oxford, Blackwell, p. 291-324. <http://dx.doi.org/10.1002/9780470774298.ch10>
- RHEINGOLD, H. 1996. *A Comunidade Virtual*. Lisboa, Gradiva, 367 p.
- SCHILLER, D. 1999. *Digital Capitalism, Networking the Global Market System*. Cambridge, MIT Press, 314 p.
- SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (SEF). 2008. *Relatório de Atividades: Imigração, Fronteiras e Asilo*. Disponível em: <http://www.sef.pt>. Acesso em: 12/09/2009.
- SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS (SEF). 2007. *Relatório de Atividades: Imigração, Fronteiras e Asilo*. Disponível em: <http://www.sef.pt>. Acesso em: 12/09/2009.
- TARDE, G. 1991. *A Opinião e a Multidão*. Lisboa, Publicações Europa América, 180 p.
- TÖNNIES, F. 1947. *Comunidade y Sociedad*. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 321 p.
- VIRILIO, P. 1996. *Velocidade e Política*. São Paulo, Estação Liberdade, 140 p.
- XAVIER, M. 2007. *Redescobindo o Brasil: processos identitários de brasileiros em Portugal*. – Lisboa, Portugal. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 178 p. Disponível em: http://www.acidi.gov.pt/docs/Publicacoes/TESES/Tese_10.pdf. Acesso em: 01/09/2009.
- WEBER, M. 1944. *Economia y Sociedad: Esbozo de sociologia comprensiva*. México, Fondo de Cultural Económica, 1245 p.
- WELLMAN, B. 2004. The Global Village: Internet and Community. *The Arts & Science Review*, **1**(1):26-29. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman>. Acesso em: 01/09/2009.
- WELLMAN, B. 1999. Living Networked in a Wired World. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/~wellman>. Acesso em: 01/09/2009.
- WELLMAN, B. 1998. Structural analysis: From method and metaphor to theory and substance. In: B. WELLMAN; S.D. BERKOWITZ (eds.), *Social Structures: A Network Approach*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 19-61.

Submetido: 28/09/2010

Aceito: 01/11/2010